

# O boato como expressão comunicacional do mercado financeiro<sup>1</sup>

Valdir Martins<sup>2</sup>

## RESUMO

A civilização mediática tem como premissa uma organização baseada na intermediação da vida social através de instrumentos e ferramentas comunicacionais desenvolvidas pelas novas tecnologias, eclodindo com a predominância do mercado como único universal humano e seus desdobramentos através do mercado financeiro, e da análise do fenômeno do Boato como elemento vital para a dinâmica dos mercados.

O impacto causado pela velocidade enquanto violência, na esfera social e sobretudo no mundo corporativo, especificamente no mercado financeiro é abordado através da demonstração conceitual e crítica das diversas passagens históricas e as adaptações do capital no novo cenário infotécnico, com preponderância e atenção aos aspectos de fluidez, liquidez e superficialidade da atualidade, sustentado pela disputa entre tempo e espaço.

Palavras-Chaves: Globalização – Boato – Comunicação – Mercado Financeiro

## 1.Tempo/Espaço

Dentro da evolução histórica a relação tempo/espaço passou por diversas modificações, sobretudo no campo econômico, em especial a partir do advento do capitalismo como modo de produção e estruturação das sociedades modernas e pós-modernas. Têm-se como premissas básicas a correlação de forças entre o poder do capital e a sua contraparte o poder da força de trabalho. A dimensão da expansão do capital através da evolução da tecnologia e da implementação de novas formas de distensão da convivência entre os interesses conflitantes, desde o desenvolvimento sustentável à inclusão da faceta humana no processo produtivo leva a uma paralisia da análise crítica da realidade e um esgarçamento do tecido social e suas conseqüências nefastas introduzidas pela globalização econômico-financeira.

---

<sup>1</sup> Trabalho a ser submetido à análise do GT4-Linguagem, retórica e análise dos discursos institucionais.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). E-mail: valmarti@terra.com.br

A supressão da dicotomia espaço/tempo por uma prevalência da ótica temporal sobrepujando a espacialização histórica como forma de demonstrar domínio e poder, desloca-se para o controle do tempo como forma de acompanhar a dinâmica do movimento empreendido pela evolução da técnica colocada a serviço do desenvolvimento da comunicação e eclodindo na interrelação dos interesses econômicos e união dos mercados, ente maior do capitalismo contemporâneo sustentado por uma filosofia neoliberal.

Essas evoluções observadas especialmente na tecnologia coincidem com o que alguns autores consideram como a passagem da modernidade para a pós-modernidade, e o que Bauman denomina como a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida. Dentro da construção do raciocínio de Bauman a sociedade sofre uma alteração significativa e que irá definir toda uma estruturação social baseada nos laços de fluidez e superficialidade.

A modernidade é a era por excelência das grandes conquistas tecnológicas e da superação dos limites do homem e de suas ambições. As conseqüências dessa modernidade altera por completo o espectro da realidade objetivada e coloca novas características para o mundo em transformação.

A predominância de um discurso fundado na modernidade e na ruptura dos vínculos de tradicionalidade extemporânea dos fenômenos desloca toda a análise de como se adaptar a condições tão distintas de um passado recente para a indagação de se a maioria das pessoas estão preparadas e conseguirão sobreviver em uma nova realidade.

Essa nova realidade está calcada na implementação em massa de tecnologias da comunicação, na competitividade concorrencial, na adoção da velocidade como vetor fundamental de sucesso na execução dos objetivos, na individualidade como valor social, e no mercado como inevitabilidade. Diante dessas questões encontramos os paradigmas fundamentais para a humanidade.

## **2. Do moderno ao pós-moderno a presença do capital e suas transformações**

Considerando-se a evolução do capitalismo como forma suprema de organização econômica e social, destacamos a teoria proposta por Hardt e Negri que caracteriza alguns

pontos fundamentais na análise política mundial, identificando os seguintes itens: a globalização dos fluxos econômicos, a nova divisão internacional do trabalho, a explosão dos meios de comunicação eletrônicos e o enfraquecimento do operariado tradicional são sintomas de mudanças nas forças produtivas e nas relações de produção.

Essa análise dos autores estaria no cerne da interpretação de “Império” como a forma política do capitalismo globalizado e, podemos aferir que do mesmo modo o neoliberalismo é sua expressão no campo econômico.

Portanto, na visão dos autores o Império seria representado pelo conjunto descentralizado de instituições transnacionais que detêm a soberania, entendida como capacidade efetiva de coordenar a produção, circulação e acumulação em escala global. Assim, são constituintes do Império as organizações internacionais (ONU, FMI, UNESCO, NAFTA, ..), as empresas multinacionais, o sistema financeiro (bolsas de valores, bancos, entidades financeiras,...), as organizações não-governamentais (igrejas, grupos ambientais, grupos de defesa dos direitos humanos) e todo tipo de instituição que opera acima dos Estados individuais, etc. O fato é que nenhuma nação e nenhum governo possuem a capacidade efetiva de mando e organização como a que caracterizou o período moderno. Todos têm que levar em conta as determinações das forças imperiais.

O capitalismo, segundo Hardt e Negri, é inerentemente expansionista, buscando constantemente novas localidades para sua disseminação, e levando acoplado a noção iluminista de modernidade. Daí Jameson defender que a pós-modernidade começa quando a modernidade não tem mais como se expandir. Essa expansão foi tão intensa que conseqüentemente exauriu-se, e novas formas de reconstrução do capitalismo foram adotadas, sobretudo a intensificação da exploração das áreas já capitalistas, buscando-se uma produtividade baseada na tecnologização das práticas produtivas. Portanto, o Império é uma construção ideológica com elementos advindos de uma realidade de sobreposição das instituições e entidades sobre o Estado Nacional a partir do poder econômico e dos interesses dos grandes grupos de pressão.

Entretanto, a coexistência entre o avanço do capitalismo em conjunto com a temática da modernidade tem provocado diversas reflexões e hipóteses de avanço defendido pelas mais divergentes vozes de estudiosos da modernidade e da pós-

modernidade, fenômeno controverso e polêmico. Segundo Giddens, Lyotard vê a pós-modernidade como um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso planejado humanamente. Acrescenta, ainda, que ela pode ser vista como uma evaporação da grand narrative – o enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro previsível. Essa pós-modernidade teria como característica a pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado. Outro autor que tece comentários a respeito da pretensão dos pós-modernos é feita por Habermas, onde este defende que a modernidade tem como premissa “demonstrar que uma epistemologia coerente é possível – e que um conhecimento generalizável sobre a vida social podem ser alcançados.”

As colocações inerentes à disputa epistemológica entre modernidade e pós-modernidade é vista por Giddens como apenas uma banalização do fulcro central da discussão e entendimento do mundo social e suas transformações, além da incompreensão do mesmo, o que levaria a essa rivalidade. Assim, diz Giddens que “a desorientação é decorrente da sensação de termos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente. Para analisar como isso veio a ocorrer, não basta inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto. Ao invés disso, temos de olhar para a natureza da modernidade. Em vez de pós-modernidade, temos um período em que as conseqüências da modernidade estão mais radicalizadas. Essa visão da modernidade explica e fundamenta os novos movimentos da vida social. Giddens defende que o dinamismo da modernidade deriva de pilares fundamentais da episteme, ou seja, da separação do tempo e do espaço, do desencaixe dos sistemas sociais, e da ordenação e reordenação reflexiva, das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos.

Dessa maneira a discussão entre modernidade e pós-modernidade para Giddens não é importante, mas sim as características intrínsecas das mudanças drásticas da sociedade. E essas características têm como premissa a utilização e a validação da confiança no seu âmago.

Assim como toda transição, a passagem da era moderna para a era pós-moderna colocou à humanidade situações incompreensíveis, controversas, polêmicas, paradoxais, além de um debate acalorado e apaixonante. O constructo do projeto moderno passa a ser questionado e uma nova ordem emerge com novas propostas e posições. O projeto único proposto pelo projeto moderno sofre questionamento através da proliferação colocada pela pós-modernidade.

A teoria pós-moderna vem para desbancar a essência, representada pela unicidade do telos da modernidade, tendo como característica revolucionária a hibridização dos elementos formando um terceiro diferente dos dois anteriores. Ela é extremamente discutida e com várias nuances e visões propõem a modificação enfática da leitura do mundo, sendo que uma possibilidade aceita é a descrita por Jameson<sup>3</sup>:

“É mais seguro entender o conceito do pós-moderno como uma tentativa de pensar historicamente o presente em uma época que já esqueceu como pensar dessa maneira. Nessas condições, o conceito ou exprime um irreprímível impulso histórico mais profundo ou efetivamente o reprime e desvia, dependendo de que lado da ambigüidade nos colocamos.” (JAMESON-2004:13).

A cultura pós-moderna nasce como produto de diversos fatores contraditórios e confluentes existentes na 2<sup>a</sup>. metade do século XX, representada pela sociedade do conhecimento galgada na tecnologia. As definições a cerca do pós-moderno são muito abrangentes em termos de números e de conceituações envolvidas em seu cerne. Uma definição que possibilita aproximarmos de seu objetivo é explicitada por Charles Jencks, através de Kumar<sup>4</sup>: “A era pós-moderna é um tempo de opção incessante. É uma era em que nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constrangimento e ironia, porque todas as tradições aparentemente têm alguma validade. Esse fato é em parte consequência do que se denomina de explosão das informações; o advento do conhecimento organizado, das comunicações mundiais e da cibernética.” (KUMAR-1997:115)

---

<sup>3</sup> Jameson, Fredric – Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

<sup>4</sup> Kumar, Krishan – Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Assim, o pós-moderno provoca uma ruptura com o único, referendando a existência da fragmentação através da mediação dos signos que o dão aparência. A esquematização do pós-moderno apesar de pressupor um afastamento do esquema clássico constrói um novo telos baseado na tecnologia como ente supremo das mudanças, e a ruptura acaba sendo muito violenta e verificamos uma revolução sem controle político, econômico ou militar, e que a revolução tecnológica ocorre silenciosa, a todo momento, feita por todos, mas sem um líder identificado.

Dentro desse contexto o capitalismo encontra as condições adequadas para seu desenvolvimento e apogeu. Assim como a perspectiva teleológica, a metanarrativa do protestantismo permite o surgimento do capitalismo enquanto ideologia do mercado, sendo que podemos entender as metanarrativas através do cuidadoso trabalho de Kumar explicando a concepção de Lyotard: “As metanarrativas, ou narrativas empolgantes de que fala Lyotard são os grandes esquemas histórico-filosóficos de progresso e perfectibilidade criados pela era moderna. Embora as narrativas, que são prescritivas e práticas, sejam diferenciadas por Lyotard de ciência, que se interessa pela verdade e por alegações de verdade, não pode haver a menor dúvida de que grande parte do interesse das metanarrativas da modernidade dependia de sua associação à ciência e ao método científico.” (KUMAR-1997:143)

Dessa maneira, a pós-modernidade nasce com o sujeito mercado, onde esta não tem uma causação definida. Ela se realiza a partir da revolução tecnológica ocorrida no mercado, impondo-se como algo que positivamente é o motor fundamental, é a própria tecnologia, com desenvolvimento autônomo. O capitalismo e o seu representante incontestemente o mercado descaracteriza o valor de uso dos bens, transformando-os em apenas mercadorias de troca, assim como assinala Jameson na análise da cultura e suas alterações histórico-sociais: “o que ocorre é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral. A urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades, com ritmo de turn over cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo.” (JAMESON-2004:30).

A tecnologia é um signo, ela não é reduzida à máquina, é algo mais abstrato. Ela passa a ser objeto de culto, assim como o mercado, sendo algo espetacular, reproduzindo o conceito de Guy Debord<sup>5</sup> em que “o espetáculo não é o conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” Podemos introjetar uma analogia entre o mercado e uma reflexão religiosa da utilização de elementos sagrados no terreno profano. O mercado atua como um Deus, possuindo seus dogmas sagrados, assim como a religião; possui seus seguidores e não admite a discussão ou a existência de erros conceituais. Nós é que não sabemos interpretá-lo corretamente. A semelhança é muito próxima, retirando do mercado um de seus pilares de sustentação lógica que é a aparente racionalidade do sistema.

Na nova era observamos a ação da lógica transformativa e especulativa do capital, o qual utilizando-se de sua concatenação interna e das bases mutantes de sua sustentação, constrói um novo discurso subsidiado na mudança como forma de convencimento e de reflexo da vida social. David Harvey<sup>6</sup> trabalha esse fenômeno de maneira muito cristalina: “O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido”. (HARVEY-1992:308).

O capitalismo enquanto sistema econômico tem como premissa básica perpetuar-se historicamente através de transformações possíveis, que não comprometam sua integridade e sua lógica interna, desenvolvendo diversos instrumentos relacionados ao seu funcionamento, como explica Harvey: “Por intermédio desses mecanismos, o capitalismo cria sua geografia histórica distintiva. Sua trajetória de desenvolvimento não é previsível em nenhum sentido comum exatamente porque sempre se baseou na especulação.” (HARVEY-1992: 308).

---

<sup>5</sup> Debord, Guy – A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>6</sup> Harvey, David – A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

Marcado por oposições, o capitalismo, como já sabemos desde Marx, tem como característica imanente a necessidade de transformar constantemente suas condições de produção para que continue a existir, e sobretudo superar suas limitações impostas pelas contradições inerentes a seu próprio fundamento. A atuação cada vez mais agressiva que o capitalismo apresenta provoca alterações profundas na forma como as pessoas se relacionam com as dificuldades de seu tempo. Isleide Fontenelle<sup>7</sup> citando uma abordagem de C. Wright Mills sobre a classe média americana, demonstra essa característica de forma bastante preocupante: “o novo homem pequeno de hoje parece não ter raízes firmes, qualquer segurança que dê sentido a sua vida ... Está freneticamente apressado, talvez porque não saiba para onde vai; vive paralisado pelo medo, talvez porque não saiba o que o amedronta”. Essa passagem demonstra os aspectos psicológicos afetados por um tempo de incertezas e onde o aspecto temporal saiu de vez do controle do ser humano, fragmentando o sujeito moderno e permitindo o surgimento de um novo desencantamento do mundo. Sinais indeléveis da velocidade pós-moderna.

E a faceta mais agressiva e arraigada do capitalismo atual encontramos na área financeira, onde segundo constata Manuel Castells<sup>8</sup>, a atuação dos mercados financeiros é resultado da evolução do capitalismo de risco, alicerçado a uma busca incessante de multiplicação desterritorializada e atemporal mediada por tecnologias comunicacionais: “o que estamos testemunhando é o desenvolvimento gradual de um mercado financeiro global, independente, operado por redes de computadores, com um novo conjunto de regras para o investimento de capital e a avaliação de ações e de títulos em geral. À medida que as regulações nacionais são atropeladas por fluxos de capital e comércio eletrônico, os mercados financeiros vão se tornando integrados, acabando por operar como uma unidade em tempo real por todo o globo. Assim, a capacidade de interconexão por computador de sistemas de comércio está transformando os mercados financeiros, e as regras destes estão fornecendo o capital necessário para financiamento da economia da internet. (CASTELLS-2003:68).

---

<sup>7</sup> Fontenelle, Isleide Arruda – O nome da marca. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

<sup>8</sup> Castells, Manuel – A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

A avaliação da introdução de novas tecnologias no mercado financeiro modificou bruscamente as transações e a realização das operações, originando uma nova era tecnofinanceira mediada pelas ferramentas desenvolvidas para conectar e aproximar os mercados, além de permitir um maior afluxo de investidores aos centros financeiros mais desenvolvidos ou especulativos. Para ilustrar o impacto das novas tecnologias acompanhamos a abordagem de Manuel Castells: “Portanto, a transação eletrônica aumenta o número de investidores, com estratégias extremamente diversificadas, operando através de uma rede descentralizada de fontes de investimento num mercado interdependente, global, que opera em alta velocidade. O Resultado geral leva um aumento exponencial da volatilidade do mercado, pois complexidade, tamanho e velocidade induzem um padrão de comportamento de reação rápida entre investidores que fazem uso da internet, gerando uma dinâmica caótica e tentativas de adivinhar o mercado em tempo real. Assim, as transformações tanto das finanças quanto da tecnologia de transação convergem para a volatilidade do mercado como uma tendência sistêmica.” (CASTELLS-2003:73).

### **3. O impacto da velocidade na estrutura do capital financeiro**

A velocidade é o vetor que mais impacto tem causado na nova distribuição e atuação do capital em torno do globo. Sua interferência é notada e sentida em todas as esferas da vida social e exclusivamente nos negócios, sendo objeto de profunda atenção para a multiplicação do capital. Ela é considerada por muitos estudiosos como uma sutil violência da técnica, fenômeno que acontece de maneira invisível e silenciosa.

A velocidade se impõe aos processos, caracterizando-se como uma violência simbólica que a todos abarca. E no mundo financeiro pela própria dinâmica representativa da proliferação do capital essa violência está presente de forma muito intensa, como relata Trivinho: “Ela açoda o sistema financeiro e o mundo dos negócios, faz balançar as bolsas de valores, nutre a mundialização cotidiana da vida humana.”(TRIVINHO-2002:262)

Quanto à velocidade Paul Virílio<sup>9</sup> é bem enfático em analisá-la: “A questão da velocidade é uma questão central que faz parte da questão da economia. A velocidade é

---

<sup>9</sup> Virílio, Paul – Cibermundo: a política do pior. São Paulo: teorema, 2000.

simultaneamente uma ameaça, na medida em que é capitalizada, tirana e, ao mesmo tempo, ela é a própria vida. Não se pode separar a velocidade da riqueza. Se se der uma definição filosófica da velocidade, pode dizer-se que ela não é um fenômeno, mas a relação entre os fenômenos. Por outras palavras, a própria relatividade.” (VIRÍLIO-2000:14).

Neste aspecto podemos referendar a conceituação de Paul Virílio de que riqueza e velocidade convivem intrinsecamente, sendo faces da mesma moeda. O que para Virílio modificou-se foi a forma, onde a monética tornou a circulação em sinônimo de dinheiro, e a velocidade de circulação suplantou o dinheiro, que desmaterializou-se.

A condição imposta pela velocidade modificou a relação entre os mercados e tornou o capitalismo algo imponderável. Em geral, os mercados financeiros escaparam ao controle de todos. Tornaram-se como que autômatos, com movimentos súbitos que seguem não uma lógica econômica rigorosa, mas uma lógica de complexidade caótica, resultado da interação de muitas decisões, reagindo em tempo real, num âmbito global, em meio a turbulências de informação de várias origens, inclusive de boatos especulativos.

O imperativo do capitalismo apropriou-se dessa mudança drástica da aceleração dos processos tangenciados pela velocidade desmedida e construiu um discurso aplacador de reprodução desse fenômeno para todas as esferas humanas, tendo como polo irradiador a economia, e mais precisamente o mundo das finanças, sustentados pela inquestionabilidade do mercado e suas ilações racionais. A espacialização e a temporalização tornaram-se irrelevantes na saga de resultados vorazmente objetivados pelo capital, referendados por discurso único (característica do projeto moderno), deliberado, e sobrepujante a qualquer alternativa e confirmatório da tentativa do conformismo inquestionável das estruturas vigentes e da potencialização do capitalismo e suas reverberações.

#### **4. A globalização dos mercados financeiros**

Este fenômeno da globalização e da internacionalização das economias transformou o mercado financeiro em segmento estratégico, e de suma importância para as economias e para a gestão do país, além de termômetro sobre a condição de reagir às crises

internacionais. Hoje, mais do que nunca o desempenho da economia de um país reflete no globo como um todo, influenciando as atividades de grande parte do mundo financeiro.

Essa nova sociedade afluenta tem como uma de suas características a manipulação de imagens aliada à busca desenfreada dos lucros a qualquer custo, mesmo que para isso seja utilizada formas pouco éticas na sua obtenção. O mercado, entidade máximo dos anseios capitalistas, torna-se proeminente e adorná-se a um reality show idealizado. Ocorre o que Guy Debord<sup>8</sup> chamou de “sociedade do espetáculo”, onde o parecer tornou-se mais importante que o ser ou mesmo o ter. É um completo deslocamento dos valores sociais e humanos até então conhecidos.

A análise de Ricardo Estacolchic<sup>9</sup> é preciosa na percepção de como o mercado vem sendo tratado atualmente, elevado à categoria de ciência, antropomorfizado, e totalmente paradoxal. Nele o autor coloca que “habitualmente nos referimos ao mercado, como se este fosse um sujeito, o que pode ser constatado em enunciados como: o mercado reagiu bem à declaração do ministro, ou o mercado ficou nervoso com a venda da companhia tal. Ele sugere que, se lidamos com o mercado como se este fosse um sujeito, por que não fazemos então seu diagnóstico? Para concluir que esse sujeito, que no decorrer de um mesmo dia se mostra maníaco, ora deprimido, ora esquizóide, ora paranóico, além de histérico, fóbico e obsessivo, seria portanto, completamente irracional. O autor conclui ironicamente que o mercado é considerado como o paradigma da racionalidade e da objetividade.”

O mercado é tratado como uma verdadeira religião, onde temos um deus todo poderoso (mercado), que se apresenta de maneira onipresente, onisciente, e que nunca erra. Nós é que não sabemos analisá-lo adequadamente. E aliás, não permite questionamentos aos seus fundamentos (dogmas sagrados). E nesse contexto de contradições e esgarçamento do tecido social encontramos o sujeito, aniquilado e indefeso diante de todas as agruras e perspectivas nefastas do seu meio ambiente.

Portanto, a evolução do capitalismo está diretamente ligada a um desenvolvimento do mundo baseada em princípios referentes ao incentivo ao individualismo e à competição, no triunfalismo do indivíduo sobre o outro. Pelas circunstâncias de atualidade temos, o

---

<sup>8</sup> Debord, Guy – A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>9</sup> Estacolchic, Ricardo – Corrupção. In: Goldenberg, Ricardo (org.) Goza! – Capitalismo, globalização, psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997.

sistema financeiro internacional no comando das ações mundiais, sobretudo as bolsas de valores, representando a ditadura do capital financeiro, e os interesses dos grandes grupos econômicos.

## 5. O Boato como fenômeno da pós-modernidade

Dentro desse contexto paradigmático da pós-modernidade encontramos um fenômeno típica de nossa atualidade de mercado, ou seja, o boato. Particularmente no mercado financeiro a sua presença causa modificações extremas, além de ser um fator determinante nas oscilações do mercado. O boato financeiro pode ser entendido a partir da tipologia e origens nas condicionantes apresentadas no estudo do boato de natureza psicossocial, sendo que ele também está ligado a fatores emocionais através do mecanismo psicológico que fundamenta sua crença na projeção, onde as pessoas em estado de ansiedade tem tendência a tomar seus desejos por realidade.

Outra característica observada no boato financeiro e que mantêm correlação com os demais está contido na espontaneidade ou não de seu surgimento. Podemos considerar como espontâneo o boato genuíno, no qual se expressam desejos disfarçados, positivos ou negativos, distinguindo-o do boato pré-fabricado, colocado intencionalmente em circulação, com a finalidade de propaganda ou contrapropaganda como é o caso do boato financeiro. Além desse aspecto, há o componente sociológico, que diz respeito a difusão do mesmo. Expressando disfarçadamente desejos inconscientes, ele será percebido somente por pessoas que tiverem as mesmas referências simbólicas, para as quais o boato terá a mesma ressonância espelhando o ambiente da Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA).

De acordo com Monique Augras<sup>10</sup>: “a difusão do boato faz-se num meio homogêneo, com a mesma linguagem e com os mesmos interesses” (AUGRAS-1970:82).

Esses elementos constitutivos do boato e as condições propícias para seu surgimento encontram terreno fértil no mercado financeiro, visto as características de ansiedade, tensão e ambigüidade das informações veiculadas.

Augras sintetiza de maneira conclusiva a questão: *Em suma, o boato expressa as tendências inconscientes de um grupo, desde que esse grupo se encontre numa situação de insegurança, de tensão emocional, de incerteza no tocante às informações. Quanto maiores forem as tensões, em particular quando a própria sobrevivência do grupo estiver em jogo,*

---

<sup>1</sup> <sup>0</sup> Augras, Monique – Opinião pública: Teoria e processo. Petrópolis: Vozes, 1970.

*mais facilmente aparecerão boatos, mais difícil será desfazê-los, porque serão fundamentalmente arraigados em motivos inconscientes.”(AUGRAS-1970:82).*

O período de duração do boato financeiro normalmente delimita-se em um dia, ou seja, o ciclo de vida do boato restringe-se à abertura e fechamento do movimento financeiro, onde o boato nasce, tem seu desenvolvimento e dissipa-se no final do período. No entanto podem ter a duração de alguns dias ou mesmo semanas, dependendo de sua tipologia e estrutura. A curtíssima duração do boato financeiro é sua principal característica.

Outra característica própria é a diversificação de acontecimentos do boato que insere-se no mercado diariamente. A cada dia novos boatos têm a possibilidade de surgir. Eles emergem de todas as formas, e invariavelmente mantêm correlação com fatores que influenciarão o desempenho do mercado, e mais especificamente a bolsa de valores de São Paulo. Além da duração, o boato financeiro reflete com constância a temática da informação com valor monetário, e envolve personalidades capazes de movimentarem a economia do país. A aposta financeira transforma o boato no elemento propulsor da bolsa de valores, e de acordo com os depoimentos colhidos dos agentes do mercado, possibilitam a existência da especulação. Eles apresentam-se predominantemente de duas formas: os boatos espontâneos resultado da própria dinâmica do mercado financeiro, que trabalha com grande quantidade de informações; e os boatos manipulatórios produzidos por fontes interessadas em determinadas posições de mercado.

Essas especificidades do boato financeiro o caracterizam numa tipologia própria que engendra aspectos atinentes à proposição de uma nova abordagem epistemológica do objeto, e conseqüentemente apresenta-se como o embrião teórico de um fato natural constatado, suscetível de estudo científico.

Considerando-se as condições explicitadas, o boato no mercado financeiro possui propriedades que o particularizam, tornando esse fenômeno de comunicação, enquanto manifestação espontânea surgida sob bases fundamentais de tensão, stress e pressão exaladas no mercado, uma categoria de estudo ímpar, localizado e com sólidos pilares teóricos.

O boato financeiro coloca-se como uma perspectiva de estudo das expiações humanas (a exemplo da fofoca) e das explicitações das angústias e sensações psicológicas (rumor) com adornos de manifestações inerentes ao descolamento existente entre capital especulativo e produção, refletindo as disparidades originárias da globalização desigual dos mercados.

## **6. Considerações finais**

O intuito do presente trabalho foi tentar demonstrar as formas analíticas de avaliação da passagem de uma fase histórica considerada modernidade para a pós-modernidade, ou da modernidade sólida para a modernidade líquida, etapas de evolução das relações sociais e econômicas.

Teve como pretensão identificar a nova faceta do capitalismo em seu estágio avançado, dentro de um mundo semiotizado e caracterizado pela predominância das imagens como forma de ordenação dos valores e, de uma condução do mercado como o único universal restante da modernidade, bem como da ditadura econômico-financeira vivenciada pelo mundo.

Nessa turbulência temos a mundialização do capital como maneira de financeirização da riqueza global, e sobretudo a inserção do mercado financeiro, mais especificamente das bolsas de valores como ente responsável pela circularização do dinheiro mundial.

O boato insere-se nessa dinâmica dos mercados, eivado de significados e intenções, caracterizado pela fluidez, rapidez, e dificuldade de identificação de sua origem, como termômetro e regulador do mercado tão irracional.

### **Referências Bibliográficas:**

- AUGRAS, Monique – Opinião pública: teoria e processo. Petrópolis: Vozes, 1970.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERNSTEIN, Peter L. Desafio aos Deuses: A fascinante história do risco. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHESNAIS, Francois. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FONTENELLE, Isleide Arruda. O nome da marca. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOLDENBERG, Ricardo (org.) – Goza! : Capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

KUMAR, Krishan. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NEGRI, Antônio; HARDT, Michael. Império. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TRIVINHO, Eugênio. Velocidade e violência: dromocracia como regime transpolítico da cibercultura. In: Porto, Sérgio Dayrell (Org.). A incompreensão das diferenças: 11 de setembro em Nova York. Brasília: IESB, 2002. p. 257-272.

VIRÍLIO, Paul. Cibermundo: a política do pior. São Paulo: teorema, 2000.